



Carta do Ministro Geral

**John Corriveau OFM Cap**

**AQUELE EXCESSIVO AMOR**

*CARTA CIRCULAR N. 21*

18 de abril de 2003

© Copyright by:  
Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini  
Via Piemonte, 70  
00187 Roma  
ITALIA

tel. +39 06 420 11 710

fax. +39 06 48 28 267

[www.ofmcap.org](http://www.ofmcap.org)

Ufficio delle Comunicazioni OFMCap

[info@ofmcap.org](mailto:info@ofmcap.org)

Roma, A.D. 2016

## Sommario

“TU ÉS HUMILDADE” .....	6
“AQUELE EXCESSIVO AMOR...” .....	7
“O SENHOR REINOU DO MADEIRO” .....	9
“SE O GRÃO DE TRIGO QUE CAI NA TERRA...” .....	11
“ELE É A NOSSA PAZ...” .....	12
UMA CULTURA DA PAZ .....	16



**CARTA CIRCULAR N. 21**  
**“AQUELE EXCESSIVO AMOR”**  
**UMA REFLEXÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA**  
**DO CRUCIFICADO FEITA POR FRANCISCO**

(PRIMEIRA PARTE)

**“Que eu sinta no meu coração... aquele excessivo amor do qual tu, Filho de Deus, estavas inflamado para voluntariamente suportar uma tal paixão por nós pecadores”**

( Fior – Terceira consideração dos sacrossantos estigmas)

Prot. n. 00391/03

**A TODOS OS IRMÃOS E IRMÃS DA ORDEM**

1.1. Em março de 2004 celebraremos o Sétimo Conselho Plenário da Ordem: *A nossa vida fraterna em minoridade: “Peregrinos e forasteiros neste mundo, servindo ao Senhor em pobreza e humildade”*. A minoridade franciscana brota diretamente da experiência espiritual do Crucificado.

## “TU ÉS HUMILDADE”

2.1. Neste louvor “*Tu és humildade*” (Louvores a Deus Altíssimo) Francisco estabelece o fundamento teológico da minoridade. Francisco escolheu a humildade como primeira característica de sua fraternidade porque a humildade caracteriza a revelação que Deus faz de si mesmo:

*“Existindo em condição divina, (Jesus Cristo) não fez do ser igual a Deus uma usurpação, mas ele esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e tornando-se igual aos homens”* (Fl 2,6-7).

Com grande clareza espiritual Francisco viu que a festa da Anunciação não é primeiramente uma festa da Bem-Aventurada Virgem Maria e que a Encarnação não é primeiramente uma festa de Jesus, mas que ambas celebram o humilde amor de Deus nosso Pai:

*“Esta Palavra do Pai... o altíssimo Pai a enviou do céu, por seu arcanjo São Gabriel, ao seio da Santa Virgem Maria, de cujo seio recebeu a verdadeira carne da nossa humanidade e fragilidade”* (4Ct-b 1,4).

2.2. O esvaziamento que Deus faz de si mesmo (*kenosis*) atinge o seu cumprimento na cruz:

*“Humilhou-se a si mesmo, fazendo-se obediente até a morte, e morte de cruz”* (Fl 2,8).

Abraçando a cruz, Jesus se torna espelho do amor do Pai que doa a si mesmo:

*“Ora a vontade do Pai era que seu bendito Filho glorioso que nos havia dado e o qual por nós nascera, se oferecesse a si mesmo por seu próprio sangue como oferenda de sacrifício sobre o altar da cruz”* (4Ct-b 1,11).

2.3. Na humildade do Crucificado nós temos a salvação: *“Quando injuriado, não retribuía as injúrias; atormentado, não ameaçava... Sobre a cruz, carregou nossos pecados em seu próprio corpo... Por suas feridas fostes curados”* (1Pd 2,23-25). Jesus nos justificou com um amor humilde e ao mesmo tempo gratuito.

### “AQUELE EXCESSIVO AMOR...”

3.1. A compaixão foi definida como a consciência espiritual da tragédia pessoal de um outro e a ternura esquecida de si com a qual se relaciona com esse (cf. Carta Circular n. 12, 4.3.1). Sobre a cruz Jesus assume a “tragédia pessoal” dos nossos pecados: *“A prova de que Deus nos ama é que Cristo morreu por nós, quando éramos ainda pecadores”* (Rm 5,8). Jesus perdoa e não julga: *“Pai, perdoai-lhes! Eles não sabem o que fazem!”* (Lc 23,34). Eles não sabem com que terno e humilde afeto o Pai os ama. Jesus resiste à tentação de dominar: *“Se és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo”* (Lc 23,37). O seu amor é ternura que esquece a si mesma: *“Ainda hoje estarás comigo no Paraíso”* (Lc 23,43); uma ternura que se identifica com o outro: *“Mulher, este é o teu filho... esta é a tua mãe!”* (Jo 19,26-27). A cruz de Jesus envolve Francisco desde os primeiros momentos da conversão até quando desce do Alverne, ícone do Crucificado. Ele encarnou as palavras de São Paulo: *“Quanto a mim, que eu me glorie somente da cruz do Senhor nosso, Jesus Cristo. Por ele, o mundo está crucificado para mim, como eu estou crucificado para o mundo”* (Gl 6,14).

3.2. Francisco foi transformado pela compaixão do Crucificado. No Alverne rezou: *“Que eu sinta no meu coração... **aquele excessivo amor do qual tu, Filho de Deus, estavas inflamado para voluntariamente suportar uma tal paixão por nós pecadores**”* (Fior – Terceira consideração dos sacrossantos estigmas). *“Aquele excessivo amor”* impulsionou Francisco ao abraço do leproso e mudou para sempre a sua relação com os outros: *“E enquanto me retirava deles, justamente o que antes me parecia amargo se me converteu em doçura da alma e do corpo”* (Test 1,3). *“Aquele excessivo amor”* do Crucifixo de São Damião transformou o seu modo de ser: *“Entrou para rezar... e... sentiu-se diferente do que tinha entrado... nem ele mesmo conseguiu exprimir a sensação inefável que teve”* (2C 6,10). Essas experiências mudaram o coração de Francisco. Falando dos leprosos, Francisco declara: *“E o Senhor mesmo me conduziu entre eles (os leprosos) e eu tive **misericórdia** com eles”* (Test 1,2). Celano, referindo-se a São Damião, diz: *“Desde essa época, domina-o enorme **compaixão** pelo Crucificado”* (2C 6,10).

3.3. O Papa João Paulo II afirma que para entender a mensagem da cruz “a par da pesquisa teológica pode-nos vir uma ajuda relevante também daquele grande

patrimônio que é a *'teologia da vida' dos Santos*" (Novo Millenio Ineunte, 27). O Papa nos recorda que o elemento "profético" é essencial para a vida da Igreja. São Paulo nos diz:

*"Assim, já não sois mais estrangeiros nem migrantes, mas concidadãos dos santos. Sois da família de Deus. Vos fostes integrados no edifício que tem como fundamento os apóstolos e os profetas, e o próprio Jesus Cristo como pedra principal. É nele que toda a construção se ajusta e se eleva para formar um templo santo no Senhor. E vós também sois integrados nesta construção, para vos tornardes morada de Deus pelo Espírito" ( Ef 2,19-22 ).*

O Papa nos encoraja a olhar a vida de São Francisco e de outros irmãos e irmãs, como Santa Verônica Giuliani e São Pio, como um exemplo encarnado daquilo que os Apóstolos receberam do Senhor e transmitiram aos outros. Na *"teologia da vida"* de Francisco **a força redentora da cruz se revela como compaixão.**

## “O SENHOR REINOU DO MADEIRO”

4.1. A humildade da cruz conduz diretamente à exaltação do Crucificado:

*“Por isso, Deus o exaltou acima de tudo e lhe deu o Nome que está acima de todo nome. Assim, ao nome de Jesus, todo joelho se dobre no céu, na terra e abaixo da terra, e toda língua proclame: ‘Jesus Cristo é o Senhor’ – para a glória de Deus Pai” (Fl 2, 9-11).*

Nos Atos dos Apóstolos a exaltação de Jesus acontece na ressurreição e na ascensão. No dia de Pentecostes, Pedro proclama ao povo de Jerusalém: *“Que todo o povo de Israel reconheça com plena certeza: Deus constituiu Senhor e Cristo a este Jesus que vós crucificastes” (At 2,36)*. Francisco, como São João, vê a cruz mesma como o momento de exaltação: *“Trema ao seu olhar a face da terra; - anunciai entre os povos que (do lenho) reina o Senhor” (Vésperas da Paixão do Senhor)*. No Crucifixo nós vemos a nossa condição humana transformada através da união com o uno e trino Deus de infinito amor. *“Quem me viu, viu o Pai” (Jo 14,9)*. O Crucifixo revela quem é Deus para nós: amor cheio de compaixão que se doa livremente. *“Quem me viu, viu o Pai” (Jo 14,9)*. Jesus Crucificado revela o quanto é forte a nossa humanidade quando é transformada pelo amor perfeito. A nossa humanidade, regenerada pelo amor-doação, é a imagem de Deus na terra. Tendo sido testemunha da vida que se derrama em amor cheio de compaixão, o centurião exclama: *“Na verdade, este homem era Filho de Deus!” (Mc 15,39)*.

4.2. A apresentação da ressurreição no fim do Evangelho de Marcos contém uma mensagem particular para aqueles que abraçam a minoridade. Em Marcos não existem aparições de Jesus, somente um túmulo vazio e algumas mulheres assustadas que fogem! Os que chegam à fé na ressurreição são aqueles que a vêem “a partir de dentro”, de dentro do túmulo, a partir da experiência de Jesus. São esses que verdadeiramente ouvem Jesus quando diz a Pedro: *“Tu, segue-me!”*. Somente os que estão em harmonia com Jesus no caminho da Cruz, o humilde amor do Pai, só eles são capazes de “ver” o Cristo ressuscitado. Este foi o grande segredo da vida de Francisco, um segredo generosamente revelado aos que o pedem, aos que o buscam. Foi esta a graça que Francisco pediu e obteve em São Damiano e no Alverne. Francisco nos convida a fazer o mesmo: *“Vede, irmãos, que humildade a de Deus! Derramai ante Ele os vossos corações!” (7Ct 28)*.

4.3. Boaventura vê Francisco, transformado pelo amor cheio de compaixão, como a imagem e o ícone da humanidade redimida. E usa palavras poéticas para descrever esse afeto em Francisco: *“O verdadeiro amor de Cristo transformara o amante na própria imagem do amado”* (LM 13,5). E serve-se da imagem do Monte Sinai para apresentar a humanidade transformada de Francisco como uma nova revelação de Deus:

*“Francisco desceu do monte trazendo em si a imagem do Crucificado, não porém esculpida em tábuas de pedra ou de madeira por mão de algum artífice, mas marcada em sua carne pelo dedo de Deus vivo”* (LM 13,5).

4.4. *“Tende entre vós o mesmo sentimento que existe em Cristo Jesus”* (Fl 2,5). Introduzindo com essas palavras o seu esplêndido hino cristológico, Paulo indica que *“a obediência da cruz”* não foi somente a missão de Jesus, mas é aquilo que todos devem cumprir para alcançar a plenitude da vida cristã. Somos chamados a ser vasos de amor cheio de compaixão. Esta é a mensagem da *“teologia da vida”* de Francisco de Assis. A *“efígie do Crucificado”* da qual falava Boaventura era algo mais que os sinais que Francisco carregava no seu corpo. Francisco trazia no coração o amor cheio de compaixão do Crucificado:

*“Crucificado agora com Cristo em sua carne e em seu espírito, ardia Francisco como ele de um amor seráfico por Deus e como ele tinha sede da salvação dos homens... Sentia, além disso, um intenso desejo de voltar aos inícios de sua vida humilde para consagrar-se outra vez ao serviço dos leprosos”* (LM 14,1).

### **“SE O GRÃO DE TRIGO QUE CAI NA TERRA...”**

5.1. No Alverne Francisco rezou: *“que eu sinta na alma e no corpo... aquelas dores que tu... suportaste na hora da tua acerbíssima paixão”* (Fior – Terceira consideração dos sacrossantos estigmas). Francisco provou esse sofrimento no seu corpo durante os últimos anos de vida. A sua “alma” foi marcada pela cruz desde o início da conversão, quando o amor cheio de compaixão do Crucificado o impulsionou a abraçar a humildade da cruz. **“O bem-aventurado Francisco... desde os anos de sua infância foi educado a ser prepotente. Comerciante, até pelos seus 25 anos passou o tempo numa vida vã”** (Fontes Franciscanas). Teve que pagar um preço para converter-se da prepotência à humildade, do ser um magnata do comércio a tornar-se humilde servidor dos leprosos. O seu biografo conta que *“o demônio... despertou-lhe a lembrança de uma mulher corcunda e de aspecto horroroso que havia em sua cidade. Ameaçava torná-lo semelhante (a ela), se não desistisse de seus propósitos”*. E Celano continua dizendo que Francisco *“tinha natural aversão pelos leprosos, julgando-os a monstruosidade mais infeliz do mundo”* (2C 5,9). Francisco se encontrava exatamente no meio dessas lutas quando rezou diante da cruz de São Damião. Celano diz que no olhar cheio de compaixão do Crucificado, Francisco encontrou a graça de assumir a humildade da cruz: *“Podemos julgar piedosamente que os estigmas da paixão desde então lhe foram gravados não no corpo mas no coração”* (2C 6,10). Daí que, no encontro diante do Bispo de Assis, a mudança de Francisco disse respeito a algo mais que a sua relação com Pedro de Bernardone. Francisco rompeu definitivamente com toda uma maneira de viver e de ser. Francisco abandonou visível e publicamente a sua posição social. *“Se o grão de trigo que cai na terra não morre, ele continua só um grão de trigo; mas se morre, então produz muito fruto”* (Jo 12,24). O filho privilegiado de Pedro de Bernardone morreu a fim de que pudesse nascer um homem de paz.

**“ELE É A NOSSA PAZ...”**

6.1. A humildade da cruz e o amor apaixonado do Crucificado fizeram de Francisco um homem de paz. Boaventura nos diz que *“com harmonia admirável a carne se sujeitava ao espírito e o espírito a Deus”*. (LM 5,9). A imagem de Francisco oferecida por Celano é a imagem de uma pessoa emocional e espiritualmente integrada, um símbolo de liberdade interior:

*“Tinha maneiras simples, era sereno por natureza e de trato amável, muito oportuno quando dava conselhos, sempre fiel a suas obrigações, prudente nos julgamentos... Firme nas resoluções, equilibrado, perseverante e sempre o mesmo. Rápido para perdoar e demorado para se irar, tinha a inteligência pronta, uma memória luminosa, era sutil ao falar, sério em suas opções e sempre simples. Era rigoroso consigo mesmo, paciente com os outros... era diligente e incapaz de ser arrogante”* (1C 29,83).

6.2. A paz interior de Francisco irradiava-se na criação com uma extraordinária sensibilidade pela beleza:

*“Numa coisa bela sabia contemplar o Belíssimo e, seguindo os traços impressos nas criaturas, por toda a parte seguia o Dileto. De todas as coisas fazia uma escada para subir até Aquele que é todo encanto”* (LM 9,1).

No seu *Cântico das Criaturas* Francisco se fez voz da criação para louvar a bondade e a beleza de Deus.

6.3. Para os seus contemporâneos Francisco tornou-se a personificação do que foi dito de Jesus na Carta aos Efésios: *“Ele é a nossa paz;... ele destruiu o muro de separação: a inimizade”* (Ef 2,14). Descrevendo a pregação de Francisco, Celano diz:

*“Sua palavra era um fogo ardente que penetrava o íntimo do coração e enchia de admiração todas as inteligências... Em todas as pregações... invocava a paz dizendo: ‘O Senhor vos dê a paz!’. Anunciava-a sempre a homens e mulheres, aos que encontrava e aos que lhe iam ao encontro. Dessa forma, muitos que tinham desprezado a paz, como também a salvação, pela cooperação do Senhor abraçaram a paz de todo o coração, fazendo-se também eles filhos da paz”* (1C 10,23).

**“VOSSOS OLHOS SE ABRIRÃO E VÓS SEREIS COMO DEUS”  
(GN 3,5)**

7.1. *“Paz sobre a terra, desejo profundo dos seres humanos de todos os tempos...”*. A Carta Encíclica *“Pacem in terris”*, publicada pelo Beato Papa João XXIII aos 11 de abril de 1963, tocou as mais profundas esperanças e aspirações de uma geração. A *“Pacem in terris”* delineou aqueles direitos humanos fundamentais, cuja conquista inspirou e transformou o nosso mundo. Ao mesmo tempo a procura autônoma desses direitos foi a tentação do nosso mundo. *“Vossos olhos se abrirão e vós sereis como Deus”* (Gen 3,5). A tentação da serpente no Gênesis foi assim tão atraente porque era muito próxima à verdade: *“E Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou”* (Gn 1,27). A conquista autônoma dos direitos não foi para a humanidade só causa para desejar a paz e de morrer pela paz, mas também, até, de matar pela paz! Quando as pessoas procuram de modo autônomo os próprios direitos econômicos, o ambiente é destruído e os pobres discriminados. Quando se busca a identidade sexual e a expressão sexual de modo autônomo, as relações humanas e a família são massacradas. Quando uma nação persegue os próprios direitos de modo autônomo, temos, como resultado inevitável, a guerra. O ‘eu’ que se coloca como um absoluto não admite nada fora da sua realização. Prepotente e tirânico, rejeita conhecer e aceitar aquele “humilde amor do Pai” que caracteriza a vida de São Francisco.

7.2. A perseguição autônoma dos direitos e da identidade cria a prepotência, que é a raiz do pecado em cada um de nós. Promover a si mesmos à custa dos outros é um instinto espontâneo do nosso estado de pecadores. O ‘eu’ prepotente está fechado ao humilde acesso do amor divino. *“Francisco... foi educado... a ser prepotente”*. Mudem o nome “Francisco” e coloquem o próprio nome no seu lugar. Não soa como algo verdadeiro? O medo de ter que deixar condições vantajosas foi o elemento central da luta de Francisco. Nós, de modo semelhante, temos medo de ter que abandonar as vantagens que nos põe acima dos outros. Também nós fomos educados a sermos prepotentes. O abraço da humildade da cruz é algo do qual temos horror como o teve Francisco: *“O demônio... ameaçava torná-lo semelhante (a ela), se não desistisse de seus propósitos”* (2C 5,9). Nós identificamos a nossa personalidade com a capacidade de dispor de nós mesmos de modo autônomo e, freqüentemente, a nossa liberdade com o controle e o

domínio dos outros. Todavia, a humildade abraçada por Francisco tornou-se, paradoxalmente, o meio através do qual conseguiu expressar a própria personalidade, desenvolvendo o seu potencial humano e a criatividade própria à sua pessoa sem as vantagens do nascimento e do estado social. Este foi o fundamento da sua incrível liberdade interior. E isto, por sua vez, fez com que surgissem nele as atitudes de mente e de coração capazes de fazer nascer uma fraternidade de iguais, entre os quais não existiriam divisões estruturais. *“Se o grão de trigo que cai na terra não morre, ele continua só um grão de trigo; mas se morre, então produz muito fruto”* (Jo 12,24). A humildade da cruz exigiu de Francisco uma ruptura definitiva com os falsos valores da sua sociedade. E não pede menos de nós.

7.3. *“O sublime grau da humildade é não somente reconhecer a própria abjeção, mas amá-la”* (Frei Pio de Pietrelcina, Epistolário, III). Frei Pio nos foi dado como testemunha de uma humildade que *“ama a humilhação que deriva da cruz”*. São Francisco recebeu o dom dos estigmas no fim da vida. Os estigmas foram vistos pelos seus contemporâneos como um divino *“selo de aprovação”* de uma vida vivida em união com o Crucificado. Frei Pio recebeu o dom dos estigmas no início de sua vida franciscana. E carregou os sinais externos dos estigmas por mais de cinquenta anos. Os estigmas foram motivo de controvérsia e a escola da cruz através da qual Frei Pio aprendeu a humildade e alcançou a santidade.

A guerra é o supremo ato da prepotência humana, pelo qual a força física e a morte são usadas para impor a vontade de um povo sobre um outro. É bom notar que Deus imprimiu os sinais externos do Crucificado nesse obscuro e desconhecido frade em 1918, no fim da *“guerra feita para eliminar todas as guerras”*. É ainda significativo o fato que Frei Pio fundasse os seus grupos de oração na vigília da Segunda Guerra Mundial.

Frei Pio morreu em 1968, ano que é identificado com as grandes revoluções sociais da nossa época, uma época caracterizada pelo insistente apelo à auto-realização. Durante todo o período de sua vida como capuchinho e como sacerdote, Frei Pio nunca teve uma posição de autoridade sobre os outros. O único título que teve foi o de confessor; e por três anos foi impedido até do livre exercício deste ministério. Raramente ou nunca pregou, e no entanto as pessoas vinham aos milhares para participar da Eucaristia que ele celebrava na pequena

igreja de Santa Maria das Graças. A humildade de Frei Pio levou os peregrinos à experiência que Francisco teve da Eucaristia:

*“Ó humildade sublime, ó humilde sublimidade! O Senhor do Universo, Deus e Filho de Deus, se humilha a ponto de se esconder, para nosso bem, na modesta aparência do pão” (7Ct 26).*

Milhares de pessoas abriram seu coração a Frei Pio. O Papa João Paulo II sintetiza o impacto da humildade do santo com as seguintes palavras: “Este humilde frade capuchinho maravilhou o mundo com uma vida dedicada à oração e à escuta de seus irmãos e de suas irmãs”.

## UMA CULTURA DA PAZ

8.1. *“A paz não é tanto uma questão de ‘estruturas’, mas de ‘pessoas’. Estruturas e procedimentos de paz... são certamente necessários... Porém não passam de fruto da inteligência e da experiência acumulada ao longo da história mediante ‘inumeráveis gestos de paz’, de homens e de mulheres...”* (João Paulo II, “Pela celebração do Dia Mundial da Paz, 1º de janeiro de 2003).

O próximo Conselho Plenário tratará da *nossa vida fraterna em minoridade*. A indicação do Papa nos recorda que a minoridade franciscana exige muito mais que uma reforma das estruturas da Ordem. A minoridade nasceu em Francisco pela sua conversão pessoal à compaixão que ele experimentou no amor do Crucificado e que o tornou capaz de assumir a humildade da cruz. *“Gestos de paz nascem da vida de pessoas que cultivam, no próprio íntimo, contínuas atitudes de paz”* (João Paulo II, *ib.*). O Conselho Plenário não diz respeito “essencialmente às estruturas”, mas aos frades que aceitam a mesma conversão. O Papa continua dizendo: *“Gestos de paz são possíveis quando as pessoas estimam plenamente a dimensão comunitária da vida”* (*ib.*). Este ano de reflexão sobre a minoridade nos oferece uma oportunidade de graça para meditar individualmente e nos capítulos locais se e quanto estamos mergulhados na “cultura da prepotência” do nosso mundo. *“Gestos de paz criam uma cultura de paz”* (*ib.*). Irmãos convertidos pessoalmente da prepotência à compaixão crescerão juntos para fazer de cada uma das nossas fraternidades esparramadas pelo mundo um ponto focal para uma tal cultura de paz.

8.2. A análise sociológica não será suficiente por si mesma para levar-nos a uma tal conversão. No meio das suas lutas Francisco foi à igreja de São Damião, onde o olhar cheio de compaixão do Crucificado tocou o seu coração e o fez capaz de abraçar a conversão à minoridade. O VII CPO é um convite a cada um de nós a fazermos cada dia o mesmo caminho; ir às tantas capelas e igrejas da nossa Ordem para que também o nosso coração seja transformado pelo olhar cheio de compaixão do Crucificado.

8.3. Caros irmãos e irmãs, vocês tiveram a perseverança para ler estas minhas reflexões até este ponto. Agradeço-os pela atenção. Agora gostaria de ter a ousadia de pedir-lhes para lê-las outra vez, prestando particular atenção às palavras do Senhor, de Francisco, de Celano, de Boaventura e de Frei Pio, mais

do que aos meus comentários. Desta vez leiam mais com o coração como numa *lectio divina*: “De modo particular é necessário que a escuta da Palavra se torne um encontro vital, segundo a antiga e sempre válida tradição da *lectio divina*: esta permite ler o texto bíblico como palavra viva que interpela, orienta, plasma a existência” (Novo Millennio Ineunte, 39). Peço que esta segunda leitura se torne uma experiência do coração que fala ao coração (daquele “cor ad cor loquitur” do santo Cardeal Newman). E eu sinto-me contente de poder desaparecer, de esconder-me à presença do Espírito Santo que nos reúne como “frades menores”. Espero com ânsia o VII CPO e confio a nossa preparação ao santo Frei Pio, humilde modelo de minoridade para nós e para as pessoas do nosso tempo.

Fraternalmente,

Frei John Corriveau,  
Ministro Geral da Ordem.

Roma, aos 18 de abril de 2003,  
Sexta-feira da Paixão do Senhor.

## Sommario

“TU ÉS HUMILDADE” .....	6
“AQUELE EXCESSIVO AMOR...” .....	7
“O SENHOR REINOU DO MADEIRO” .....	9
“SE O GRÃO DE TRIGO QUE CAI NA TERRA...” .....	11
“ELE É A NOSSA PAZ...” .....	12
“VOSSOS OLHOS SE ABRIRÃO E VÓS SEREIS COMO DEUS” (GN 3,5) .....	13
UMA CULTURA DA PAZ .....	16

